

COMO A AFETIVIDADE INTERFERE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM



CLÓVIS DA SILVA LIMA

Graduação em Letras pela Faculdades Oswaldo Cruz (1995); Professor de Ensino Fundamental II - Língua Portuguesa - na EMEF Silvío Portugal.

RESUMO

Além da formação acadêmica formal, a escola tem como objetivo, formar um ser social, atuante, transformador, senão da sociedade, de sua própria vida. Nesse sentido, um dos fatores de extrema importância é a questão da afetividade. A afetividade na educação não se resume a tratar os alunos com civilidade, e distribuir beijos e abraços. A questão da afetividade vai além de distribuir beijos e abraços, da superficialidade dessas ações, e pode interferir em vários aspectos da vida social do educando fora da escola. A forma como essa questão é tratada pelos educadores pode causar marcas profundas e influenciar ações futuras e nas interações sociais para o resto de sua vida. Alguns teóricos como veremos, discutirão a relação da afetividade com a aprendizagem e com a formação da autoestima do estudante. Este trabalho tem cunho qualitativo bibliográfico e demonstrará como a afetividade pode aprimorar não só os processos cognitivos, mas também a dimensão afetiva, que é fundamental para a existência humana. Analisaremos as dificuldades enfrentadas pelos professores, em salas de aula superlotadas, com uma diversidade grande de alunos, com diversas personalidades, além da falta de formação adequada para lidar com tantos desafios. Verificaremos também em que nível das emoções o professor deve atuar com seus pequenos alunos. O que é responsabilidade do professor e quais são as atribuições dos pais e do círculo social em que a criança está inserida.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade; Autoestima; Aprendizagem; Mediação.

INTRODUÇÃO

O trabalho em questão é sobre a importância da afetividade no Ensino Fundamental I. O Trabalho tem cunho qualitativo, e está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo verificaremos as

atribuições para a relação professor-aluno no Ensino Fundamental I. São elas: Cognitivas, Sociais e Emocionais.

As atribuições Cognitivas, dizem respeito ao processo de ensino propriamente dito, onde a afetividade tem importante papel para o sucesso do processo. Inclusive determinará a aproximação do aluno com determinada matéria partindo do grau afetivo que o aluno tem com o professor. Para tanto o conhecimento prévio do aluno, sua linha de raciocínio e os processos pelos quais passou até alcançar seu aprendizado devem ser mais valorizados que seus erros, que devem servir de parâmetro para a adequação da prática de ensino e não sofrer uma supervalorização.

Verificaremos as atribuições nos aspectos de formação do Sujeito Social, que é a forma como o aluno irá conviver com as demais pessoas ao longo de sua vida. Nesse aspecto, muito mais do que o que ouve, o aluno fica atento ao que vê, e nesse sentido a forma a como o professor lida com todos os alunos e os demais funcionários dentro e fora da sala de aula serão um exemplo muitas vezes seguido pelos alunos. A formação da autoestima também ajudará ao aluno a ter relações de mais sucesso no mundo fora dos muros da escola, porque é um erro acreditar que a escola somente está presente na vida das pessoas para ensiná-las academicamente, cognitivamente. A escola também tem a atribuição de preparar o aluno para a vida para ser um cidadão, consciente, atuante e modificador de sua realidade. Para tanto a sala de aula deve ser um local onde o aluno possa testemunhar um tratamento igualitário a todos os alunos, independente de sua cor, sexo, classe social, dificuldade de aprendizagem, entre outros, ou seja, o respeito ao outro deve imperar na sala de aula para que o aluno construa uma imagem positiva sobre si mesmo e sobre os outros, facilitando sua interação e qualidade de suas relações.

RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA EDUCAÇÃO

O processo educativo é feito para muitos. Nesses casos, grande parte dos educandos pode passar despercebido. Destacando-se somente casos extremos. Infelizmente a grande maioria dos professores não consegue manter atitude de neutralidade diante dos alunos, sem mostrar suas antipatias ou preferências. Essas atitudes são inconscientes, e é muito difícil não ter esse tipo de atitude, pois apesar do comprometimento profissional, professores são, e evidentemente, humanos. Essas atitudes humanas por sua vez, podem causar marcas profundas nas crianças.

Quando um professor é simpático com um aluno, o aluno tende a reproduzir as ações que agradam o professor, tornando a relação cada vez mais agradável, o mesmo ocorre quando existe uma antipatia com relação a algum aluno. Isso ocorre porque queremos satisfazer as expectativas daqueles que nos admiram.

Antipatia e simpatia não são irreversíveis, podem ser alteradas se um dos indivíduos em interação mostrar alguma característica até então não observada, porém são dificilmente revertidas, uma vez que quando se tem antipatia por alguém tende-se a não interagir muito com esta pessoa, não dando oportunidade a mesma de mostrar outros aspectos de sua personalidade. E muitas vezes algum aspecto novo pode ser interpretado de maneira negativa.

As pessoas tendem a se aproximar quando identificam semelhanças no outro. Se numa possível aproximação, percebe-se diferenças muito grandes, a tendência é o afastamento, conforme observou Sisto (2000, p. 53). “Como sempre queremos agradar e atender as expectativas daqueles que nos são caros, as semelhanças ficam cada vez maiores”.

No caso da antipatia, as diferenças são exageradas, e os mesmos atos praticados por oponentes podem ter explicações distintas dadas pelos próprios, pois nesse caso existe a necessidade de se mostrar sempre diferente do desafeto.

Segundo Freud, os extremos se tocam: uma antipatia pode virar um amor, e um amor muito intenso pode-se transformar em ódio. Muitas vezes alguma característica não apreciada no outro pode ser uma característica que o próprio indivíduo possui e não consegue enxergar em si mesmo. Do mesmo modo alguém que não gostamos, pode ter na realidade alguma característica que admiramos e que gostaríamos de ter, mas não temos.

Em sala de aula essa interação também ocorre. Como dito anteriormente, na sala de aula, feita para muitos, se destacarão os extremos, que reagirão conforme já citado, os aprovados pelo professor tenderão a ter atitudes boas e positivas, e os que não tiverem tanta sorte, irão reproduzir as atitudes tão pouco valorizadas pelo professor.

A escola é um ponto de passagem entre a família e o grupo social externo. O professor em sala de aula irá invariavelmente reproduzir os padrões da sociedade em que vivem. Os alunos, embora com características diferentes, sofrem com uma avaliação padronizada que avalia segundo esses aspectos qualidades positivas e negativas.

Nesse sentido, os alunos que conseguem alcançar as qualidades valorizadas pela escola, vão efetivamente progredindo nessa direção, porém aqueles que não reúnem as características tão valorizadas, podem apresentar outras formas de comportamento para se sobressair como indisciplina, docilidade excessiva, e dessa forma chamar a atenção do professor. Esses comportamentos se transformam num círculo vicioso. Esse processo passa a ser contínuo, e tem poucas probabilidades de reversibilidade.

A forma de percepção dos professores também influencia esse processo. Existem professores que tendem a observar mais as características negativas, enquanto outros valorizam as características positivas, esses últimos conseguem resultados melhores em suas salas de aula. Essas diferenças de percepção estão relacionadas às diferenças de personalidade.

Nos deparamos dessa forma em dois problemas: qual modo de avaliação é mais produtiva? O que se sabe até o momento é que a percepção positiva é capaz de obter maior rendimento. Outro ponto a considerar é a reeducação da forma como o professor percebe o aluno. O que não se trata de tarefa fácil ou puramente intelectual, pois muitas vezes, o professor utiliza seus alunos para conseguir triunfos ou derrotar outros. Trata-se de um comportamento barreira para mudanças.

Esses comportamentos patológicos, infelizmente são mais frequentes do que se pensa, mas independente desses comportamentos, os comportamentos relativamente comuns ainda representam um problema, porque a escola tende a valorizar muito as tarefas intelectuais, o que acentua a

diferença e a inadequação de alguns alunos. É possível buscar nos alunos, suas qualidades desejáveis, ao invés de acentuar sua inadequação para determinadas tarefas.

Nem todos os alunos têm aptidões artísticas, ou grande capacidade intelectual. Seria muito errado esperar isso dos alunos. Uma avaliação correta pressupõe observar as diferentes aptidões dos diferentes alunos. Essa avaliação é mais acertada e evita o falseamento da autoapreciação e a deformação das qualidades positivas.

Se em alguns casos, as qualidades indesejáveis forem acentuadas, não há como fugir delas, porque também seria um exagero supor que os casos de delinquência são todos consequência de uma avaliação não acertada.

Tentativas de valorizar qualidades que o aluno não possui somente para parecer adequado também são prejudiciais e podem causar conflitos, mas quando se analisa um nivelamento inferior e superior, supõe-se que pode se causar menos danos a se considerar os alunos vencedores ao invés de fracassados. O ideal seria não ter esses desvios de realidade, porém se tivéssemos que optar entre um e outro, a melhor opção seria sem dúvida uma interpretação favorável, pois a sensação de sucesso pode trazer ao indivíduo maior segurança emocional.

Vivemos obviamente numa sociedade muito competitiva, onde os fracassos e sucessos do indivíduo são atribuídos ao seu próprio esforço, ignorando fatores hereditários ou do meio em que vivem. Esse tipo de conduta favorece o estabelecimento de sentimentos de frustração e hostilidades aqueles que se consideram fracassados e sentimento de culpa para aqueles que se consideram vencedores. A sociedade exige igualmente de todos, porém não recompensa a todos de forma igual, sequer de acordo com seus esforços. Pode se seguir todos os padrões estabelecidos, e não ser recompensado, e não seguir nenhum esquema e ser amplamente recompensado, devido a condutas egoístas e ambiciosas e ainda como fruto do acaso. Não nos cabe aqui discutir os valores corretos ou incorretos da sociedade e sim avaliar o que isso tudo é capaz de fazer ao aluno enquanto ser social e inserido na escola, que é uma reprodutora desses valores.

Todos nós, dentro de certos limites, representamos um pouco e tendemos a mostrar aos outros, aquilo que queremos ser e não aquilo que realmente somos, porém em alguns casos esse falseamento da personalidade pode ser excessivo e causar muita angústia e inquietude. Esse comportamento praticado pelo indivíduo é uma forma falsa, porém também temos que dizer que se constitui em uma forma de se defender de uma educação injusta, que valoriza somente algumas qualidades, pois geralmente acreditamos naquilo que vemos, mesmo que seja falso.

O PAPEL DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Para Vygotsky o processo de aprendizagem tem um cunho essencialmente social. Na interação com o outro, o processo e desenvolvimento cognitivo acontece num contexto histórico-cultural. Vygotsky abordou conceitos de mediação e internalização. Através do contato com o meio e com o outro

A criança evolui do pensamento elementar para formas mais abstratas de pensamento que a ajudarão a conhecer e atuar na sua realidade e no meio em que vive. Nesse sentido o outro é importante não somente para a construção do conhecimento e da aprendizagem, mas também na formação do próprio sujeito e na forma como esse irá se comportar frente ao mundo e nas interações com as demais pessoas.

Vygotsky (1994, p32) afirma que “a internalização provoca uma série de transformações” e ainda que “todas as funções do desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro no nível social, e, depois no nível individual: primeiro entre pessoas (interpsicológica), e depois, no interior da criança (intrapicológica).”

A interação é importante quando entendemos que para que o processo de aprendizagem aconteça é imprescindível o papel do outro, e a qualidade das interações sociais.

Para Pino (1997, p.22) “A elaboração cognitiva se fundamenta na relação com o outro. O desenvolvimento cognitivo acontece através de três elementos: o sujeito que conhece a coisa a conhecer e o elemento mediador que torna possível o conhecimento”.

Nesse contexto verificamos a importância do elemento mediador, ou seja, não basta somente o sujeito e o objeto, para que a relação realmente ocorra, faz-se necessário o papel do mediador do processo.

O objeto de conhecimento somente existe a partir de seu uso social. Através da mediação que o objeto de conhecimento ganha significado e sentido.

As experiências e vivências com outras pessoas irão conferir ao objeto um caráter afetivo e internalizado, pois para a internalização do objeto, estão em pauta não só aspectos cognitivos, mas também os afetivos.

O processo de aprendizagem se inicia muito antes do ingresso escolar, ainda na família, onde existem fortes vínculos afetivos, e onde o ensinar e aprender torna-se primeiramente. A afetividade é imprescindível para a própria sobrevivência, e determinante nos primeiros meses de vida. Conforme Wallon (1968, p. 27) “Através desse vínculo afetivo, a criança vai tendo contato com o mundo simbólico, importantíssimo para o processo cognitivo.”

Aos poucos, esse universo infantil vai se ampliando e surge a figura do professor.

“Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar”, conforme Fernandez (1991, p.47).

As relações entre professor-aluno não acontecem somente no campo cognitivo, estão impregnadas de afetividade.

Inicialmente as experiências vividas em sala de aula são interpessoais (no campo externo). Através das experiências afetivas e da mediação do professor, essas experiências vão sendo internalizadas.

Existe uma dificuldade na conceituação da afetividade, que se confunde com outras palavras

como emoção, sentimento. Para Pino (1997, p.9):

“Os fenômenos afetivos representam a maneira como os acontecimentos repercutem na natureza sensível do ser humano, produzindo nele um elenco de reações matizadas que definem seu modo de ser no mundo. Dentre esses acontecimentos, as atitudes e as reações de seus semelhantes a seu respeito são, sem sombra de dúvida, os mais importantes, imprimindo às relações humanas um tom de dramaticidade. Assim sendo, parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam (...). São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações etc.) um sentido afetivo”.

A qualidade das interações sociais vivenciadas pela criança irá determinar de forma subjetiva como serão suas relações afetivas.

Wallon em seus estudos determinou que a afetividade desempenha um importante papel na inteligência da criança, determinando seus interesses. Para Wallon, as emoções fixam o social e o orgânico. Desde que nasce as relações das crianças são sociais, visto que, segundo Wallon (1968, p. 262):

“A criança não tem meios de ação sobre as coisas circundantes, razão porque a satisfação das suas necessidades e desejos tem de ser realizada por intermédio das pessoas adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage”.

Wallon se baseou nos estudos de Darwin, para definir que o homem é inicialmente, um ser emocional, e seu desenvolvimento está atrelado intimamente a seu contato com outros seres humanos, principalmente os pais, com os quais tem um forte vínculo afetivo.

Wallon distingue emoções da afetividade. Para Wallon, as emoções têm sempre um componente biológico, orgânico, e alteram o tônus muscular, quando por exemplo, o bebê chora pelo desconforto da fome, ou quando estamos zangados, assustados, são emoções distintas, mas todas elas influenciam de alguma forma o tônus muscular.

Para Wallon, a afetividade é diferente das emoções porque não envolve somente questões biológicas, mas também questões psicológicas. A criança precisa entrar na fase simbólica para experimentar a afetividade, e para que as emoções evoluam para sentimentos que tem duração e moderação.

A aprendizagem ocorre a partir da interação da criança com os outros, e a partir dessa interação, a criança irá construir seu conhecimento, portanto a afetividade ocorre em conjunto com a construção desse conhecimento, e a relação com o objeto do estudo também irá depender da qualidade dessa interação.

A proximidade física do professor com o aluno é muito valorizada pelos alunos, que se sentem mais seguros com a figura do professor, de formas próxima, como se as dúvidas pudessem ser atenuadas, e a própria confiança em si mesmo pudesse ser restabelecida. O fato de o professor estar próximo enquanto a criança trabalha sempre dando incentivo, e questionando a criança, mesmo de forma a desafiá-la a achar por si só a resposta, confere um ar de cuidado, interesse, apoio, sempre citado como algo bom pelos alunos.

Dentre as situações que chamam mais a atenção dos alunos, estão além da proximidade, o

tom de voz usado para falar com eles. Muitos valorizam e enfatizam essa forma de comunicação em detrimento de um tratamento ríspido, muitas vezes observado. Citam professoras que falam de forma doce e não muito alto para não atrapalhar o trabalho dos colegas.

Portanto o ambiente escolar desde o início deve ser acolhedor, entendendo por isso, não um local que substitua a família, mas um local onde a criança possa ser respeitada em sua diversidade, incentivada, onde o erro não seja supervalorizado, e sim, sirva de guia para a construção do trabalho do professor juntamente com os alunos.

O professor não deve fazer o papel da mãe, e a afetividade não deve ser confundida com a distribuição de beijos e abraços, apesar do contato físico ser bastante valorizado pelos alunos, mas sim ter uma atitude positiva frente aos esforços do aluno, valorizá-lo em sua essência, e tornar seus momentos em sala de aula desafiadores, com limites estabelecidos para a disciplina, porém agradáveis, e que lhe rendam boas lembranças no futuro, contribuindo para a construção de uma autoimagem positiva, de uma autoconfiança em si mesmo, para que suas futuras relações sejam bem sucedidas e felizes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho fala sobre uma questão importantíssima para a aprendizagem, que é a afetividade e suas implicações para a vida acadêmica e social dos alunos.

A aprendizagem não é uma questão somente cognitiva. O ser humano é essencialmente social, e desde pequeno procura chamar a atenção dos pais e parentes próximos através do choro, pois dessa forma, consegue satisfazer suas necessidades por intermédio de um mediador. Na vida escolar essa situação não é diferente. O professor nesse caso é o mediador entre o objeto a ser estudado e o aluno.

Vemos a escola somente como um ambiente onde se ensina e se aprende, e muitas vezes, essa relação, é tida como unilateral, ou seja, ao professor é destinado o papel de ensinar, e ao aluno, aprender somente. É claro que isso não é verdade. A criança tem conhecimento prévio, e existe uma troca. Essa troca não envolve somente processos cognitivos, existe um alto teor de afetividade permeando as relações na escola e na sala de aula.

Diferente das emoções, que tem caráter essencialmente biológico, os sentimentos, além do caráter biológico, têm também o caráter psicológico. E para experimentá-los, a criança precisa estar na fase da simbologia, que coincide com a entrada da criança na escola. Não se espera que a escola, ou o professor substitua o papel da família ou da mãe, mesmo que esses papéis na atualidade sofram algum tipo de distorção, e que vejamos hoje em dia, o afastamento cada vez maior entre pais e filhos, por diversos motivos, sejam eles profissionais, ou pela simples falta de comprometimento dos pais com essa tarefa. A tarefa do professor é levar os alunos à busca de seu conhecimento, mas para tanto precisa entender que a afetividade irá afetar a forma como o aluno irá encarar os estudos e a vida social.

O professor tem uma ligação muito forte com os alunos, nas séries iniciais do ensino, e passam muitas vezes a serem exemplos para muitos deles. Todos seus gestos, falas, tiques são observados com atenção. O professor antes de ter esse ofício, é além de mais nada, um ser humano, que tem preferências, porém em sala de aula, essas preferências não podem transparecer.

Os professores tendem a apreciar aqueles alunos que tem características que são consideradas boas por eles, em consequência, esses alunos mantêm o comportamento para continuar agradando o professor. Já os que são preteridos, acabam se mostrando indisciplinados, muitas vezes como uma forma de chamar a atenção do professor, que não dispensa muito de seu tempo com o mesmo. Não se trata de tarefa fácil. O professor é fruto da cultura em que vive e em sua fala exprime valores e conceitos em que acredita. Se o professor tratar mal seus pares, e outros funcionários, esse tipo de comportamento pode ser apropriado pelos alunos que irão introjetar primeiramente, e depois projetá-lo em suas próximas relações, portanto o professor pode estar perpetuando maus comportamentos quando age de maneira discriminatória ou rude. Além dessa questão do comportamento social do aluno o, existe a questão da aprendizagem, que é estimulada quando o professor tem uma visão positiva de sua sala, e quando procura tratar a todos com respeito e dedicação, doando seu tempo àqueles com maiores dificuldades, não os tratando como menos qualificados e sim acreditando em seu potencial. O professor deve dar voz aos alunos, dessa forma, poderá conduzir a sala levando em consideração aquilo que a classe necessita, e dessa forma sua fala não se perderá, terá significado porque partiu da necessidade e da voz da clientela.

Os alunos, são pessoas e as pessoas são diferentes, tem aptidões e dificuldades diferentes. A escola perpetua uma forma de ensino em que certas habilidades são mais valorizadas que outras e quem não as alcançam da maneira esperada pode ser subjugado. Esse pensamento não é real, porque existem inteligências múltiplas e perseguir e torturar um aluno que não obtém as melhores notas em matemática, por exemplo, pode ser uma forma de perseguir algo que talvez não tenha tanto peso na vida daquele aluno, que pode por sua vez ter grandes habilidades artísticas, onde a matemática realmente não terá grande representatividade em suas escolhas e vida futura. Logo esse tipo de exigência é infrutífera, pode causar marcas profundas, afetar a autoestima como um todo, enfim ser desastroso e não ter um motivo louvável, senão a permanência e a manutenção de verdades tidas como absolutas, e que não são questionadas por muitos profissionais. Esse tipo de profissional não é o que se espera de um verdadeiro educador.

O educador que realmente fará diferença em sala de aula é aquele que está comprometido com o propósito de sua função. Respeita incondicionalmente seus alunos, não importando cor, condição social, raça, sexo, dificuldades de aprendizagem, ou qualquer diferença que se apresenta. O respeito pelo próximo, pela sua condição particular, é a melhor forma de afeto que existe, e é a melhor forma de dizer a alguém que ele é importante como é, sem ter que apresentar padrões estereis, pré-estabelecidos, que somente servirão para afetar de maneira negativa sua autoimagem, seu amor-próprio, o valor que tem de si mesmo, por consequência sua autoestima, e sua forma de lidar com si mesmo e com o mundo que o cerca.

O assunto afetividade num primeiro momento pode parecer superficial frente aos vários temas possíveis, porém, quando observado com cuidado, trata-se de um tema bastante complexo e de extrema importância. Marcas adquiridas nessa etapa da vida podem ser preponderantes em

vários aspectos da vida do indivíduo.

Muitos podem acreditar que a função do professor acaba sendo muito onerada quando trazemos à baila questões como a afetividade, porque acreditam que a função da família é dar amor e carinho, e aos professores cabe o letramento, porém, o que não parecem compreender é que uma função não pode ser dissociada de outra. Na fala dos alunos é comum citarem que apreciam a proximidade do professor, e as palavras de incentivo, além de contatos físicos simples, como se esses fatos fossem preponderantes, e realmente são para o sucesso de suas tentativas. É claro que o professor precisa de uma autoanálise minuciosa para definir sua prática, e muitas vezes, redefinir essa prática, a fim de alcançar objetivos propostos, de forma humana. Muitas vezes essa autoanálise não se direcionará somente à prática em sala de aula, mas sim ao tratamento dado aos alunos. Constantemente o professor precisa estar atento à sua postura com os diferentes alunos de sua sala. Precisa inclusive ficar atentos aos possíveis abusos cometidos pelos próprios alunos com outros, porque algumas vezes o professor não percebe, porém reforça esses abusos devido não estar atento aos arranjos em sala, onde uma figura de personalidade mais forte pode oprimir outro de personalidade mais amena.

Finalmente pode-se concluir que a afetividade é importantíssima em vários aspectos da vida do educando influenciando na maneira como irá encarar estudos, dificuldades, a si mesmo, sua autoimagem, a forma como irá lidar com o mundo, si mesmo e os outros, portanto para nós educadores trata-se de assunto pertinente, que deve ser encarado com tanta seriedade quanto o estudo da didática e das metodologias. O professor precisa se humanizar para realizar um trabalho onde não somente questões cognitivas isoladas tenham relevância, mas sim, para que o ensino seja considerado como algo global, e veja o ser humano em toda sua essência e plenitude, não com um depósito de conteúdos, pré-estabelecidos inerte. O aluno precisará ser aceito e fazer parte da realidade da sala de aula, para que o ensino tenha significância, e o professor como mediador tem papel fundamental nesse processo. É preciso entender um aluno como um ser completo, indissociado, para que o ensino seja eficaz e possamos contribuir para a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres e responsáveis por transformar suas vidas e serem realizados enquanto pessoas equilibradas e capazes de fazer suas próprias escolhas, porque tiveram mestres que os ajudaram na constituição plena de suas habilidades e personalidades.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. São Paulo: Papyrus, 1999.

ANTUNES, Celso. **A Alfabetização Emocional**. São Paulo: Terra, 1996.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

FRANCHI, Eglê Pontes. **A Causa dos Professores**. São Paulo: Papirus, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GODOY, Eliete Aparecida de. **Educação, afetividade e. Revista Educação e Ensino – UFS**. Bragança Paulista:v.2. n. 1. P. 35. Jan/jun., 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARCHAND, Max. **A afetividade do educador**. São Paulo: Summus, 1985.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Vygotsky. **Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1998.

PATTO, Maria Helena Souza. **Introdução à Psicologia escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SEBER, Maria da Glória. Piaget: **O diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio**. São Paulo: Scipione, 1997.

SISTO, Fernandes Firmino. **Leitura de Psicologias para formação de Professores**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1999.

UNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. São Paulo: Papyrus, 1989.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições, 1968.